

As deportações iníquas e as detenções arbitrárias

A trágica notícia que anteontem publicamos sobre a morte de mais um deportado e a grave doença que acometeu José Gomes Pereira causou uma profunda impressão nos nossos leitores.

Urge que se acabe com o martírio desse punhado de homens que foram colocados fora da lei e fora da humanidade por um simples capricho policial.

E' tal o sofrimento moral dos deportados que um já enlouqueceu. Para se chegar à loucura, calcula-se quanta dor, quanta amargura não teriam sido necessárias.

Os outros deportados estão condenados às mesmas fatalidades — à loucura ou à morte. E porque? Que delictos praticaram esses homens? Quais são as suas culpas? Que crimes estão eles expandindo?

Não se sabe. Aquelles homens foram condenados a uma bárbara sentença, que nenhum tribunal pronunciou, porque constava, porque se dizia que tinham praticado actos de violência merecedores de punição.

Um simples boato, portanto, uma nota da policia, um cadastro do governo civil bastam para arremessar qualquer pessoa para a costa de Africa.

Não sabemos para que servem esses luxos de tribunais, magistrados, juizes, etc. O Estado está gastando dinheiro inutilmente. Se ele prescinde tão facilmente dos tribunais para que os sustenta?

Ninguém está hoje livre em Portugal de ser um dia arrancado aos seus, ao lar, à companhia da mulher estrepitosa, dos filhos queridos — e atirado para a Guiné, com o disquete de "legionário vermelho".

Os deportados são os primeiros a querer comparecer perante os tribunais. Querem ser julgados, em condições absolutamente normais, em harmonias com os seus direitos de cidadã.

A actual situação é que não pode nem deve manter-se.

Merece igualmente a nossa repulsa o que se está passando em Lisboa, por essas esquadrões. Há cinco meses que se encontram presos vários operários, sem culpa formada. Eles querem ser postos em liberdade ou irem aos tribunais. Assim, como estão, nesta falsa situação, nesta iníqua situação, não podem continuar. E' vergonhosa para o regime e é vergonhosa para quem a consente com o seu silêncio.

As autoridades a quem compete fazer respeitar a lei, são as primeiras a esquecê-la e a afrontá-la com actos revoltantes como estes das deportações e das prisões arbitrárias.

Ninguém que tenha consciência e culto pela justiça pode manter-se indiferente perante o que se está passando. Estes abusos repugnantes de autoridade devem ser combatidos para que não se transformem em perniciosos hábitos, para que este país não se torne num feudo de meia dúzia de cavalheiros sem consciência.

O NOSSO ALMANAQUE PARA 1926

A Secção Editorial de A Batalha, prosseguindo a obra que vem realizando de divulgação sociológica para fazer despertar as consciências com a aquisição de um ideal de emancipação intelectual, vai apresentar no presente ano, ao publico que a favorece, o seu primeiro Almanaque que será uma selecção de trabalhos de carácter ameno e instructivo e de tendência marcadamente libertadora, e um repositório de informações e indicações de imprescindível utilidade para todos os sindicatos e organismos operários.

O nosso Almanaque levará uma bonita capa e será enriquecido com várias ilustrações. Emersadamente impresso formará um tomo de umas 160 páginas. O seu preço será de cinco escudos cada exemplar. O Almanaque de A Batalha para 1926 será posto à venda entre 10 e 20 do próximo mês de dezembro. Pedimos aos camaradas o favor de sobrestar a compra de qualquer outro almanaque, pois o nosso não desmerecerá no confronto com as melhores publicações do género.

O plano Dawes

PARIS, 26.—O sr. Caillaux no seu discurso pronunciado ontem em Chateau Loire, fez a afirmação de que dentro de poucos meses estaria feito um accordo com os Estados Unidos e Inglaterra sobre a regularização da dívida e que as somas necessárias para o pagamento serão as previstas no plano de Dawes.

O ministro das Finanças defendeu depois o imposto progressivo.

A "festa dos mercados" foi a apoteose à carestia da vida

A Festa dos Mercados foi uma deplorável ideia dum jornal. Causou um ridículo, fazendo assim desastrosamente. A ideia não foi feliz, a sua realização não poderia, portanto, ter constituído um triunfo.

A população dos mercados é antipática à população. Oirunda, quasi toda ela das províncias, desabou sobre Lisboa com a preocupação ruinosa para os que mourejam de que isto é uma cidade onde facilmente, desde que se ponham escrupulos de banda, se arranca a pele ao semelhante.

Essa população de vendedores e de vendedeiras é, na sua maioria, insolente e agressiva. A mulher — que não é dum banheiro — que vai ao mercado, defendendo-se com economia dentro dos seus limitados recursos, com a preocupação de não desequilibrar seu modestissimo orçamento, é diariamente insultada. Ou se submete, sem recalcitrar, à ganha ferida das vendedeiras ou é por elas ofendida com expressões tão grosseiras, tão pornográficas que fariam corar o homem mais familiarizado com aquela gente. Toda a consideração é dispensada para os consumidores ricos, que vivem das mais variadas batatas e dos mais torpes expedientes, porque esses pagam os produtos por todo o preço, numa grande indiferença por um dinheiro que nem sequer lhes custou a roubar.

Porque motivo a cidade poderia simpatizar com a mais insolente e maliciada troupe dos que a exploram? Ninguém gosta de ser roubado, ainda por cima, insultado. Daqui se infere uma antipatia instintiva que nenhuma fantochada mirabolante, como essa Festa dos Mercados, consegue anular. Se a população não estima, elas também não estimam a população, cujos hábitos não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o sabido é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalcitra por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brinços que existem no balcão da Esperança montam-se-lhe 20 ourivesarias. Seria uma estatística curiosa a que nos indicasse o oiro que existe em poder desses homens e dessas mulheres que andam de pé descalço. Vendedeiras há que, em dias da festa, trazem fortunas sobre os ombros.

É esse oiro que é todo o sentimento, toda a dignidade, toda a alegria de viver da fanfarrilha dos mercados, custa-nos muito caro, obriga-nos a grandes apertos de bolsa e a sacrificar-nos os estômagos. A população todos os dias sofre para que essa gente adquira oiro, muito oiro — esse oiro que as seduz, as arrasta, as deslumbra e lhes faz reluzir os olhos de cobra.

A Festa dos Mercados só teve o povo por espectador. Seria demasiado que a população dos roubados viesse para a rua, render-se toda, em delirante entusiasmo, para fazer apoteose de deslumbra a toda a recua de ladrões. A glorificação do roubo é feita feita pelo código e pelas instituições que nos regem. A glorificação dos ladrões pode fazer-se — mas sem povo, salvo um ou outro bando de cretinos pelos quais não é legitimo que a colectividade se responsabilize.

A situação angustiosa dos três deportados que se evadiram de Cabo Verde

Os três deportados que se evadiram de Cabo Verde encontram-se, segundo notícias que ontem recebemos, incomunicáveis e entregues ao poder militar no Funchal. São mal tratados, não tendo sequer uma enxerga para se deitarem. A cela onde se encontram é acanhadíssima e extremamente suja. Dormem sobre o lagado.

Há em Portugal a mania de não atender às necessidades humanas dos presos. Os presos são colocados fora da humanidade.

Para elucidar dos nossos leitores transcrevemos do Diário de Notícias, do Funchal, parte duma reportagem e entrevista que aquele jornal publicou sobre os três fugitivos:

«Na ocasião em que eram procurados, a bordo, a certa altura um deles, José Soares, o Malatesta, dirigindo-se ao sr. Leopoldo Alves, declarou:

—V. ex.ª dá-me licença? E' escusado incomodar os passageiros...

E apontando para dois rapazes, junto de quem estava, acrescentou:

—Nós, os três, somos, de facto, os indivíduos que procura.

Sendo logo capturados, foram conduzidos para terra, indo para a casa onde está instalada a Polícia Marítima.

Quando penetrámos na delegação da Polícia Marítima, os três deportados encontravam-se sentados e aparentemente bem dispostos. São três rapazes novos, entre 18 a 25 anos, vestindo decentemente e falando com muita vivacidade.

Assim que tiveram conhecimento de quem nós éramos, trocaram entre si algumas palavras em voz baixa e mostraram desejos de nos falar.

Um deles, o Malatesta, disse-nos:

—Nós não somos bem fugitivos. Se o fôssemos teríamos ido para outra parte e não nos meteríamos nunca a caminho de Lisboa.

«Estamos deportados sem culpa formada, com processos arranjados ad-hoc e ao sabor dos nossos inimigos políticos.

«A nossa intenção era desembarcar em Lisboa, visitar primeiramente as nossas famílias, de quem temos as mais pungentes saudades, e depois...

—Que fariam?...

—Procurávamos o sr. dr. Domingos Pereira, um homem ainda não muito corrompido pela politica de ódio que atacou alguns dos nossos governantes, e diziamos-lhe:

«Nós desejamos ser julgados, quanto

Andava muita gente pelas ruas, é certo Vimos, em ranchos, esses cevados tristes da classe média que são capazes de aparecer em toda a parte onde farejem — com aquele feroz desenvolvimento dos cães esfomeados — festa gratuita para que a família se compense das amarguras da vida — uma vida em que o estomago sofre em holocausto a um luxo necessariamente pelineira e a uma resignação prejudicial aos trabalhadores que altivamente se recusam a bandear-se com quem os rouba e tiraniza. E' olhar as famílias que os cevados tristes da classe média anteontem trouxeram a reboque para as ruas. As mulheres ressequidas, precocemente envelhecidas, com uma tristeza incurável nos seus olhos apagados e as filhas de epiderme baça com amarelloides e esverdeamentos que são a confissão eloquente de que todas as suas refeições são ilusões dolorosas. Essa classe que finge que come, que finge que vive, veio ontem para as ruas a fingir que se divertia, esquiada das lamentações que as mulheres fazem em casa, contra aquelas «ladras» dos mercados... O povo, o povo das fábricas e das oficinas não foi atraído dessa paródia cínica e soube comentá-la com a irreverência de quem está habituado a andar na vida de cabeça erguida e sem aquela grossaria própria da malta dos mercados.

A escolha da rainha foi, na Câmara Municipal, um acto sem grandeza e sem beleza. Ressentia-se tudo duma grande falta de sinceridade. O ambiente era desagradável; todas as festas a que o entusiasmo popular não dê cor, luz, alegria, sinceridade, são frias, implacavelmente acinzentadamente feias. Qual é a vendedeira mais bonita? Que importava isso à população? Essa quando muito só se interessaria por saber quem viria a ser menos lada.

A gente dos mercados, porque a festa era dela, esforçou-se ao máximo para que tivesse grande pompa. Esforçou-se inutilmente, revelando uma grande falta de gosto nas decorações e nas iluminações. A ornamentação dos mercados não passou duma apoteose insipida às couves lombardas, às maçãs camoesas, aos tomates e aos feijões carapatos.

Houve, porém, um pormenor da comemoração em que ela conseguiu realmente triunfar: o preço dos géneros subiu. A festa foi colectivamente comemorada com um aumento de lucro. O consumidor pagou mais caro a sua alimentação para sustentar a alegria daquela gentinha torpe.

A magestade da rainha não lhe vem do diadema, nem da sua proclamação na Câmara Municipal. A gente dos mercados teve sempre realza. As vendedeiras sempre foram magestades que esfomeiam os seus súditos — os súditos roubadíssimos que nós sempre temos sido.

A apoteose do roubo beneficiou meia dúzia de raparigas. Mas aí de todas as mulheres pobres que, a partir de amanhã, ousem discutir o preço dos produtos que Suas Magestades as colarejas possuem. Ai delas, pobres mulheres que, a pesar do seu viver modestissimo, mas pleno de grandes abnegações e dolorosos heroísmos, ninguém pensou em glorificar. E nem admira que isso aconteça: nunca roubaram a colectividade, nem trazem sobre os ombros uma fortuna — em oiro...

antes. Não somos legionários; somos operários honestos que desejam trabalhar para viver. O epíteto de bandidos repugna-nos e desejamos provar a toda a gente, por meio dum julgamento de verdade, a falsidade de tudo quanto nos acusam.

Um outro, João Ferreira, que até ali tinha permanecido calado, acode em auxilio do seu companheiro:

—V. compreende, todos os criminosos, por mais repugnantes que sejam, são julgados, sendo mesmo para desempenhar esta função que se fizeram as leis e os tribunais.

E pergunta:

—Porque motivo então não somos nós julgados e se esfragalham todos os direitos contidos nas leis em favor do cidadão?

«Eu, por exemplo, que há já anos vivia em Coimbra, sou acusado de ter tomado parte em factos sucedidos ultimamente em Lisboa. E até, para cúmulo, acusam-me de ter assassinado o sr. Pedro de Matos, antigo juiz do Tribunal de Defesa Social, quando é certo que o seu assassino foi há poucos dias ainda condenado em 28 anos de prisão.

«São estas calúnias que queremos desfazer. E foi por isso que resolvemos tentar alcançar Lisboa, no desejo firme de termos provar bem alto a nossa inocência.

João Ferreira, que vem bastante abatido, calou-se visivelmente fatigado. E logo o terceiro, Mário Fontainhas, o mais novo dos três fugitivos, se apressou a corroborar as afirmações dos seus companheiros:

—Nós apenas exigimos o nosso julgamento. E isto é lógico, é humano. Não pedimos favores, pedimos o cumprimento das mais comensais liberdades individuais consignadas na Constituição».

Abd-el-Krim não vai nisso...

TANGER, 26.—E' absolutamente falso o boato dimanado de Tetuan e segundo o qual Abd-el-Krim teria partido para Melilla para negociar a paz.

A influência pacifista de S. D. N...

ATENAS, 26.—O governo grego só aceu a aguardar a decisão da Sociedade das Nações depois de uma longa conferência de ministros dos estrangeiros com o Parlamento de França e Atenas.

... pode ocasionar mais sangue

ATENAS, 26.—Foi dada ordem às tropas gregas para recuarem as linhas da fronteira ainda em poder dos bulgaros.

ACTUALIDADES NO ESTRANGEIRO

EM ITALIA

Justiça fascista...

Informam os jornais italianos que os assassinatos de Piccini foram absolvidos pelo tribunal de Reggio.

Como os leitores devem estar lembrados, Piccini foi aquele operário tipógrafo que pagou com a vida o «crime» de ser antifascista.

Os seus assassinos foram postos em liberdade, a pesar da sua culpabilidade ter sido insofismavelmente demonstrada. Para o mataram tinham atraído o desventurado tipógrafo a uma emboscada num beco escuro e foi durante a noite que perpetraram o crime.

Os indivíduos que se sentaram no banco dos reus não tinham nada a esperar da sua defesa.

O comandante da policia de Reggio acusou-os em tais termos que ninguém duvidava da sua condenação.

Pelo que vemos, na Italia, os assassinos são reis de todo o país e de todas as consciências.

EM FRANÇA

Ataques à liberdade de imprensa

Painlevé acaba de determinar que seja proibida a circulação do jornal polaco «L'émigrante».

Isto apenas é um começo. Segundo o decreto que suspende esse jornal, esta ordem arbitrária diz respeito a qualquer jornal, da mesma tendência, embora possua outro gerente e uma outra tipografia.

As intenções de Painlevé são facillimas de adivinhar: a supressão pura e simples de qualquer jornal estrangeiro que não lhe agrade.

E' a maneira de agir de Mussolini que procura por todas as formas destruir a liberdade de opinião.

Como se vê a reacção campeia em França sob os ordens de Painlevé, como em Italia sob as de Mussolini.

NA CHINA

As ambições imperialistas

O Japão não se sente muito tranqüilo ao presenciar o que actualmente vai pela China. Os adversários de Tchang-Tso-Lin, e por consequência do governo de Pequim, são apoiados pelos soviéticos, que lhes fornecem subsídios em dinheiro e munições.

Além disso, informa a imprensa estrangeira que os russos têm actualmente nas fronteiras da Manchuria uns cem mil homens bem armados e equipados prontos a partir à primeira voz.

Se as tropas russas intervêm a favor dos inimigos de Tchang-Tso-Lin, este será certamente derrotado. Por outro lado os japoneses, que possuem importantes interesses na Manchuria, receiam que esse caso traga gravissimas complicações entre a Rússia e o Japão.

Eis o imperialismo em acção. Se a cubição de qualquer daquelas duas nações originar um novo conflito, afinal será sempre o operário fardado que sofrerá as consequências.

Mas o dia da sua libertação não se fará esperar.

Notas & Comentários

Tadinho...

O Diário de Notícias saiu-se ontem todo ancho com uma curtiíssima local para dizer, com seco laconismo, que não tinha confirmação oficial a notícia vinda a lume sobre dois deportados que se encontram na Guiné.

Vizava essa local a informação que publicamos sobre José Alves dos Santos e o enlouquecimento de José Gomes Pereira «Avante». Esquece-se aquele jornal, na ansia de nos atacar velhamente, que publicou, sem confirmação oficial, a morte de Joaquim António Pereira «Bela Kuha» e ele está vivo, embora seja precário o seu estado de saúde.

Mantemos a informação que recebemos telegraficamente. Quem no-la enviou é um deportado que, por esse facto, não se podia ter equivocado.

Bem percebemos onde o Notícias quer chegar. Tadinho dele...

Um alvitro

O actual decreto sobre o pão autoriza o fabrico de pão de luxo com 400 gramas que uma vez cozido pesa pouco mais de 300. O vendedor ambulante vende-o por sua vez ao publico como sendo de meio quilo e ao preço de 3500, quando o preço legal é de 2820. Uma pequena percentagem como o leitor vê.

Um manipulador de pão, aproveitando a baixa do preço do pão que os jornais vêm buzinando, escreve-nos, alvitando que o ministro da Agricultura não devia permitir que no futuro decreto — o décimo milionésimo — ficasse consignado o direito dos industriais poderem fabricar pão de luxo com mais de 250 gramas.

Assim, segundo o autor do alvitro, não seria possível aos padeiros venderem 300 gramas de pão pelo bagatela de 1550!

Uma atitude jesuitica

O Diário da Tarde apreciando a atitude de A Batalha perante a iniquidade das deportações além de achar a nossa linguagem violenta, insinuou jesuiticamente que não valia a pena a nossa indignação porque na Guiné vivem muitos europeus.

As deportações não merecem do Diário da Tarde outro comentário que não seja esse — de que na Guiné também se vive. Registamos a nobreza da sua attitude.

Panlerriff será reconduzido?

PARIS, 26.—Hoje, nos corredores da câmara dos deputados, era corrente que declarada a crise ministerial o sr. Painlevé seria de novo chamado a formar governo de que faria parte a maioria dos seus actuais colaboradores, reservando para si a pasta das finanças.

Um comerciante que quer passar por operário e produtor da riqueza social

PORTO, 24.—O que mais fundamente impressionou a cidade trabalhadora não foi o facto de, entre os comerciantes reunidos contra a taxa complementar, se defender uma greve geral dos contribuintes contra o Estado — dando-se, assim, razão plena aos justos movimentos iniciados pelas organizações sindicais contra este outro Estado: o patrão espesinhador.

O que mais causou mocha entre a população laboriosa, foi o caso picaresco do representante da Associação dos Negociantes de Vinhos por Junto, pretender, em linguagem pitoresca, tirar do ombro dos comerciantes a capa da ladroeria, para lhe enfiar a blusa do operário.

Ouam este descaramento: «Nós, os comerciantes, ao contrário do que dizem, não somos exploradores — somos operários produtores de toda a riqueza social».

De toda esta gymnástica discursória, se infere que todos aqueles que deixam o melhor da sua existência pelas engrenagens da maquinaria fabril, pelo aço do arado campônio, pelos mistérios dos poços mineiros, pelos andaimes das edificações palacianas ou pelas mortadas agrestes dos Oceanos revoltos — é que são exploradores da humanidade, é que são parasitas do corpo social presente, sugando-lhe todo o sangue.

Os que acaparam a produção proletariana e com ela traficam ignominiosamente, construindo, pelo poder desse tráfico, fortunas colossais — esses é que são operários, produtores, explorados pelo povo e pelo Estado...

Esta só ao diabo lembrava.

E' certo que aquele que igualmente assistiu ao comício de protesto contra a taxa complementar, nos garantiu que aquela frase fôra, não uma força de expressão, mas um engano proveniente das confusões de vocabulário.

Operário é um tanto derivativo de operar; e como de operar, actuar, também deriva a palavra operatório, o illustre representante das mixórdias, em vez de proferir esta palavra que tinha no pensamento, bousou a primeira. Sim, ele queria dizer que os comerciantes são operatórios, porque fazem operações geométricas acerca dos seus lucros mercantilistas... E o resultado dessas

operações, são o produto geométrico, algébrico, dos segredos do negócio. Logo, os comerciantes e industriais, ao mesmo tempo que vizargizam o publico na venda e na qualidade dos seus artigos, acastelando nos seus cofres fortes montões de ouro — produzem a miséria, a ruína, a fome, a doença, a morte do povo que trabalha para viver eternamente mortificado...

Sim, eles são produtores da riqueza social, mas daquela riqueza artificial, sofisticada, do agente monetário que, estupidamente intervindo na vida dos povos, só o faz para o ludibriar e roubar-lhes a verdadeira riqueza social, a autentica riqueza impulsionada pelo potente trabalho útil que o cérebro e o braço do homem cria nos serviços indispensáveis à existência...

Os comerciantes, no seu protesto, também fizeram propaganda eleitoral dos seus candidatos, cujos «eleitos do povo», não sendo doutores, mas comerciantes, defendendo «os direitos do comércio espesinhado». Sendo assim, não podiam deixar de fazer o seu rico namorado ao trabalhador. Foi por isso que um Fulgêncio qualquer, dos industriais de panificação do Porto e concelhos limítrofes, fulgiu o desejo de que «se desfaça a lenda» de que o comerciante e o industrial são inimigos do povo, o qual, «ingénuo e ignorante», é «ludibriado por maus pastores», que assim o fazem tão mal considerarem os do «bão vivo».

Para melhor se desfazer essa lenda, o Fulgêncio deitou as varreduras do chão na farinha que havia de fabricar o pão dos pobres...

Como se costuma dizer que pão e vinho faz andar caminho, os dois «ilustres» pretenderam caminhar nas desculpas e captação da massa amorfa tripudiada...

Que os comerciantes e industriais protestem contra a ladroeria do Estado, perfeitamente de acordo; mas que queiram pertencer à classe produtiva, à classe operária, isso mais devagar — porque os operários conscientes sabem, muito bem, arremessar para longe os epítetos com que os querem brindar: os epítetos de ladrões que muito bem quadram nos honrados comerciantes e industriais da nossa praça... C.

O descaramento do "Século" perante a resposta condigna do povo de Santarém às insolências da União dos Interesses Económicos

Não temos, nem queremos ter, o encargo de informar A Batalha do que em Santarém se passa, dia a dia; mas, como amigos do que trabalham, como nos pressamos de ser, não podemos deixar passar sem protesto, e protesto sincero e veemente, as ataradas e descaradíssimas mentiras que O Século ou qualquer outro órgão da reacção lance a publico para deprimir os que trabalham e defender os burões que nos exploram e roubam com um descaro incommensurável.

Na última quarta-feira, segundo O Século largamente havia anunciado, devia realizar-se uma importantíssima sessão de propaganda em Santarém, promovida pelos dos Interesses Escandalosos, em que fariam vários oradores, reeditando os seus grosseiros ataques aos políticos, exaltando a classe comercial como a única que poderá salvar o país e terminando, como os políticos, com o pedido de votos para os candidatos da sua maior simpatia. Era esperado o muito célebre Pereira da Rosa, que há muito tempo teve o descaramento de perguntar «se a campanha que levantámos em A Batalha tinha qualquer fundamento», o que lhe valeu uma reprimenda severa da nossa parte e a qual nunca teve coragem para responder. Dizia-se mais que falaria o famigerado Carlos de Oliveira, que devia estar na Guiné à espera de julgamento como ainda estão alguns, muito menos criminosos do que ele. Mas, de todos os oradores anunciados, apenas este se apresentou, com aquela sua lata para tudo, olhando toda a gente com uma sobrançaria impertinente, e pretendendo mostrar-se muito senhor do seu papel. Logo na estação ele deveria ter compreendido que Santarém não era, positivamente, a Aldeia de Paio Pires, visto que apenas 4 indivíduos o esperavam, e um deles, bem contrariado, pois se encontrava ali por virtude do cargo que desempenha, na Associação Comercial.

Quando o sr. Carlos de Oliveira entrou nas salas da Associação Comercial, quasi todos os lugares se encontravam já tomados por elementos operários, funcionariado e gente que consome, supondo o enorme orador que tudo aquilo eram admiradores seus e da sua classe, que se encontravam ali para o vitoriar e apoiar.

Mas deve ter saído redondamente enganado. O sr. Carlos Pereira, talvez porque ouviu dizer que em Santarém havia muitos comerciantes, muitos industriais, muitos agricultores e, sobretudo, muitos elementos conservadores, entendeu que isto seria um magnifico campo de manobras para a sua propaganda deletéria e reaccionária. Envergou a custosa capa de borraicha, meteu debaixo do braço a volumosa mala, certa mente cheia das célebres facturas dos fornecimentos de bacalhau pódre, serradura por sardinhas, montões de bichos por bolachas, carolos de milho e rãbanos por chouriço em latas e viu de longatada o Santarém.

Entrou sorridente ao ver tanta gente junta e disse com o seu volumoso estomago: «Estou com a minha gente». Enganou-se.

Diz O Século que «o conferente foi recebido com uma vibrante salva de palmas, que uma minoria de indivíduos pretendia perturbar». Estaria certo se dissesse que ele tinha sido recebido com uma vibrante salva de tacação que alguns sócios da Associação Comercial, por dever de officio, e dois ou três sidonistas, que é costume comparecerem sempre onde lhes pareça que a Republica vai ser atacada, pretenderam encobrir com algumas palmas sem calor, sem entusiasmo, sem fé.

Tudo o seu discurso, ou antes, todo o seu arazoado sem nexo, sem forma, sem sentido, sem qualquer daquelas propriedades

des a que obedece um discurso, decorreu no meio da pasmaceira geral, apenas entrecortada por numerosos apertes cheios de razão e de justiça, ainda que desprovidos de brilho, por saírem dos lábios de trabalhadores. E nem os raros aplausos a que eram obrigados os próprios promotores da festa conseguiram animar um pouco a tremenda decepção a que sujeitaram o seu simpático caudilho.

Mas O Século, no seu relato, publicado no número de sexta-feira, mente com um descaramento que fez rir o próprio Elio Guimarães e o sizado Madeira Cabral. O Século, se quizesse elevar a causa escandalosa que defende, deveria ter sido justo e verdadeiro, uma vez sem exemplo, e não confiar ao próprio orador o elogio da própria conferência, como compositamente lhes chama; porque, desta maneira, julgando ter colhido alguns louros mais para o infeliz trofeu com que pretende ornar as azas da cabeça do Deus dos ladrões e dos comerciantes, deu-nos a prova provada de que todas as jornadas que a U. I. E. tem feito por esse país fora, têm sido, como a de Santarém, uma autentica burla, uma descaradíssima mentira.

E como poderia ser outra coisa, se são grotescos e mentirosos os princípios que defendem?

Óra éles, defendendo as suas prateleiras, os seus balcões e os seus cofres, nunca podem dizer que defendem o povo, porque há entre exploradores e explorados um profundo antagonismo. Podem eles aparecer-nos vestidos de vestais: que nós conhecemos-os sempre como abjectas rameiras.

Diz O Século que o sr. Carlos de Oliveira se afirmou como um dos explorados do Estado, porque paga muitos impostos pelas indústrias e comércio de que é director; mas esquece-se de que, fazendo ainda esta afirmação, mente, como mentiu em todas as passagens do seu palavrado.

Se há alguém que possa apresentar-se como explorado pelo Estado, não são os industriais nem os comerciantes, que eles pertencem à grande ou à pequena industria, ao alto ou ao baixo comércio; os explorados são os consumidores; os explorados são os que compram e não vendem. Esses é que pagam os géneros, pagam os impostos, pagam aos empregados, pagam os automóveis, e pagam ainda uma grossa maquia para os dois meses de Nazaré, Caldas, Figueira ou Espinho. Esses é que pagam tudo.

Que se importa o comerciante lá no seu intimo, que sejam muitos ou poucos os impostos que lhe exijam?

Pois não sabe ele que quem os paga é o povo? O povo que a tudo se sujeita e contra ninguém se revolta?

Inventou-se a contribuição para a Assitência Publica e o comerciante pressuroso, tratou logo de sobrecarregar a fazenda com uma percentagem 10 vezes superior ao que lhe exijam. Inventou-se que o comerciante e industrial cedesse uma pequenina parte dos seus lucros, sempre solícito, foi lançar o comerciante maior ainda sobre os seus artigos, para que esse imposto incidisse sobre o povo consumidor.

Estas verdades não as disse o bojo do Carlos de Oliveira; mas afirmou que «se houve quem vendesse serradura por sardinhas no tempo da guerra, isso não poderia ter sido feito sem a convicção de políticos venais».

Que descaramento de argumentação esta. Eram porventura os ministros que iam às fá

As medidas do governo português para atenuar a crise de trabalho

O governo inglês, segundo referia há dias a imprensa, subsidiou 1.247.653 desempregados, evitando assim que as famílias daqueles operários ficassem privadas do mais indispensável à existência.

E não é tudo. Não só os subsídios como ainda lhes vai arranjando colocação, obrigando os industriais a produzir. Isto é um governo conservador.

Em Portugal, o governo, que se diz democrático, faz exactamente o contrário.

Enquanto o inglês sabe semanalmente o número exacto dos desempregados, por intermédio das Bólsas de Trabalho, o português não se importa com isso, pois que só lhe interessam os assuntos políticos.

Há crise no ramo comercial, onde estão deslocados para cima de mil empregados! Bem. Para solucionar fecha-se os Armazéns Reguladores (7) e são despedidos todos os seus empregados, desde os gerentes aos moços.

Há crise na indústria gráfica? Tanto melhor. Por intermédio dos seus representantes, coloca nas tipografias os internados da Tutores da Infância.

Há crise nas outras classes. Que importa ao governo isso!

E já que falei na Tutores, vou contar-vos um caso que ali se vem passando.

Na rua Eugénio Santos, 118, 3.º, existe uma tipografia que pertence aos irmãos dominicanos, que usa o título de tipografia inglesa. Para as indústrias tóxicas como a gráfica foi aprovada uma lei que regula e protege as mulheres e os menores. Por ela é proibida a entrada de mulheres (menores) para as indústrias que tenham por base o chumbo, pelo veneno que produz.

E no Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal para se defender essas criaturas foi aprovada uma tese na qual se nega a entrada a mulheres como compositoras.

Nesta tipografia, foi preciso meter pessoal e sabem os camaradas o que fizeram, existindo bastantes desempregados? Foi o seguinte: Dirigiram-se ao governo democrático e, por intermédio dos seus representantes, conseguiram que duas raparigas da Tutores da Infância fossem para ali trabalhar, uma como compositora e outra como encadernadora que nas horas vagas aprende a compor. Estas pequenas são obrigadas a ouvir missa todos os dias e à noite recolhem àquela casa de caridade, para voltarem no dia seguinte. Como vêem é o próprio governo que não cumpre as suas leis.

Mas não fica por aqui. Como já disse, há crise na classe tipográfica. E sabem como o governo a soluciona? Mandando que todos os dias se façam duas horas de serem admitidos ali os desempregados, e procedendo por esta forma vinha a lutar, pois que, em conformidade com a lei, os serões são pagos pela dobra, do salário!

E assim que o governo democrático olha pelos desempregados...

E. CARVALHO
Tipógrafo sindicalista

Aos nossos correspondentes

AVISO IMPORTANTE

Para boa regularização dos serviços do nosso jornal e maior facilidade de desempenho da missão dos nossos presados colaboradores, resolvemos substituir os velhos cartões de correspondente por uns cartões novos, que terão apostos a um canto a respectiva fotografia, reconhecida pela nossa chancela. Os novos cartões são revogáveis de ano para ano e estes servirão para 1925-26.

Convenhamos fazer uma substituição imediata, pelo que solicitamos aos nossos colaboradores e amigos se dignem enviar-nos os antigos cartões, acompanhados de duas fotografias pequenas, das quais uma ficará para um registo indispensável ao nosso serviço e a outra voltará, como atrás referimos, colada no cartão.

Igual pedido fazemos aos camaradas que se nos oferecerem para novos correspondentes.

Esperando a atenção de todos a satisfação imediata desta imprevel necessidade, saúdo-vos

A DIRECÇÃO

INSTRUÇÃO

Novo ano lectivo da Associação dos Caixeiros de Lisboa

A Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, continuando no desempenho da sua missão instrutiva e educativa que tanto a nobilita, abriu em Novembro o novo ano lectivo. Além da aula de instrução primária imprescindível como base para o máximo aproveitamento de maiores estudos, a Associação mantém um curso comercial composto de aulas de contabilidade, escrita, e línguas. As matrículas continuam abertas até ao dia trinta do corrente.

Escola da Construção Civil

Para assuntos que se prendem com a manutenção da escola, reúne hoje a Comissão Escolar, pelas 21 horas.

Mais um triunfo das esquerdas...

BERNE, 26. — As eleições para o conselho do Estado e para o conselho nacional deram alguns lugares aos socialistas em detrimento dos partidos burgueses.

sardinhas que os honrados industriais haviam de enviar, mas não o fizeram.

Encomendou-se-lhes para Angola uma grande partida de macarrão. Vimo-lo nós: Eram pastas de massa pobre que teve de ser lançada ao mar na baía de Mossamedes. Centenas de caixotes foram inutilizados, e os honrados fornecedores receberam o dinheiro que, provavelmente, foram depositar nos bancos ingleses.

Essa história dos fornecimentos para as zonas de guerra foi uma das maiores vergonhas para o nosso país; e, ainda hoje, o nosso comércio de exportação se está ressentindo das potências que foram enviadas para os campos de batalha, para a vista de estrangeiros que devem ter ficado bem informados da seriedade do nosso alto comércio.

Mas isto ainda não é tudo. Deixemos para amanhã o resto desta pequena autopsia ao arrazoado do sr. Carlos de Oliveira a que o *«Lado»* chama *«Brilhante com cresta»*.

Serra FRAZÃO

Morreu o sindicalista francês Merrheim

Morreu Afonso Merrheim, um dos militantes mais conhecidos do movimento sindical francês.

Aos vinte anos, fora nomeado secretário do Sindicato dos Caldeireiros de Roubaix. Alguns anos mais tarde era secretário da Bólsa de Trabalho desta cidade industrial.

Em 1905, Merrheim foi ocupar, na Federação Metalúrgica, o posto de secretário, que conservou até Junho de 1923, data em que a doença o obrigou a afastar-se da vida sindical.

Afonso Merrheim desempenhou um papel importantíssimo no movimento sindical francês destes últimos vinte anos.

Em 1906, no congresso confederal de Amiens, foi um dos signatários da moção que se tornou depois a base das organizações corporativas agrupadas na C. G. T. francesa.

Em 1915, por ocasião da conferência de Zimmerwald, da qual fazia parte, Merrheim separou-se por algum tempo da maioria confederal. Com o decorrer do tempo as suas concepções modificaram-se e tornou a ligar-se a essa mesma maioria que por momentos abandonara.

No decurso destes últimos anos, combateu violentamente as ideias comunistas e defendeu com vigor a independência do movimento sindical na parte que se refere à política.

Em liberdade

Após uma «démarche» do Conselho Jurídico da C. G. T., foram ontem postos em liberdade os operários Cristóvão Silva, José Lourenço e João Moura que no sábado transacto haviam sido presos quando distribuíam o manifesto sobre deportações que a Câmara Sindical do Trabalho ultimamente editou.

Estas prisões foram uma arbitrariedade, uma das muitas arbitrariedades que impunemente a polícia pratica contra todos nós.

Os que desejam estudar

Os três estudantes que beneficiaram dos nossos apelos não são os únicos que para proseguirem nos seus estudos precisavam de livros. Infelizmente, há mais que se encontram em iguais circunstâncias. E em favor desses pequenos, que despertam para a vida, que vimos hoje lançar um novo apelo aos leitores na esperança de que ele será recebido com a simpatia com que sempre são acolhidos os apelos de *A Batalha*.

Vamos apresentar, pela ordem de entrada dos pedidos, a relação de livros que carecem os nossos estudantes:

Para o pequeno Rui Marques Teixeira, filho do manipulador de pão José Marques Teixeira, preso há cerca de três meses no governo civil: «Gramática», Ulisses Machado; «Corografia», Figueirinhas; «Ciências Naturais», Figueirinhas.

Para a pequena Hessa Heilmann, filha da nossa camarada Júlia Cruz: «Livro de leitura de 3.ª classe», Bartholomeu Rita dos Mártires; «Aritmética», Ulisses Machado; «Gramática», Ulisses Machado; cadernos; cópias, ditado, contas e desenho.

Para Americo Fernandes: Dicionários: «Português»; «Português-Ingles»; «Ingles-Português»; «Leitura francesa», Albino Pereira Magno; «Desenho», Angelo Vidal; «Música», J. J. Nicolau Júnior; «Geografia», Vascoellos e Sá; «Gramática Portuguesa», Ulisses Machado; «Ciências Naturais», Figueirinhas. Este livro é para ensino primário superior.

Estójo, régua e esquadro para desenho.

Para a pequena Catarina Valada Neves Ramos: «Escrituração Comercial», Sequeira; «Matemática», 2.º ano, Andrea; Dicionários do povo: «Francês-Português», «Ingles-Português», «Português-Ingles» e «Método de inglês», 1.º volume, padre Júlio Albino Ferreira.

Correspondendo a este apelo podemos hoje informar os leitores que recebemos os seguintes donativos: dum grupo de manipuladores de pão de Santarém, 5000; do correspondente de *A Batalha* em Leixões, 7309; de José Vivaldo de Fagundes, 3350.

Também registámos o oferecimento de dois livros: «Corografia» e «Ciências Naturais» de Figueirinhas o que nos permite com parte da importância recebida, poder atender já hoje o pedido do pequeno Rui Marques Teixeira.

Todos os donativos podem ser enviados à administração deste jornal, todos os dias das 10 às 22 horas.

ACREDITA
A traqueia, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só tem um remédio poderoso

NUCLEO CALCINA
TÓNICO ENERGIZANTE E ESCLERIZANTE

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DO FARMACÊUTICO FORMOSINHO, Praça dos Restauradores, 18 LISBOA

Fábrica de Fósforos do Porto

Com autorização do governo reconhecemos a laboração nas fábricas que a Companhia Portuguesa dos Fósforos possui no Porto.

TIVOLI
TEL. N. 5171

A'S 8 HORAS E 3/4
Uma revista mundial

A INUNDAÇÃO
Comédia dramática em cinco partes

— PARIS —
Fantasia cinematográfica em oito partes

O «film» mais curioso e detalhado que se tem feito sobre a capital de França e os seus variados meios

António Inácio Martins, da Federação.

PROPAGANDA SINDICAL

Duas sessões importantes em Arcos de Val-de-Vez e em Ponte do Lima

Como nunca a Arcos de Val-de-Vez foram nunca militantes operários em missão de propaganda sindicalista, os delegados da Federação da Construção Civil (secção do norte) que para aquela terra partiram a espargir a sementeira dos seus princípios de renovação social, foram recebidos festivamente: no ar estalejaram os foguetes quando foi apresentada a chegada dos referidos delegados.

O operário dos Arcos de Val-de-Vez tinha alugado um automóvel para ir a Ponte do Lima buscar os delegados.

Como, porém, estes chegaram mais cedo do que se esperava, tiveram de se servir de um *«char-a-bancas»*.

A Associação da Construção Civil estava lindamente ornamentada com flores, as quais davam um aspecto artístico às paredes alvinitas do salão sindical.

A sessão, um verdadeiro comício animadamente concorrido, abriu pelas 14 horas. Presidiu o camarada António José Martins, secretário por José Maria Fernandes e Armindo Pinto.

Depois de José Maria Fernandes ter, em breves palavras, felicitado a Federação da Construção Civil por ter tido a feliz ideia de levar aos Arcos o salutar influjo revolucionário, é dada a palavra a José Ribeiro Dias, recebido com uma vibrante salva de palmas.

Principiando, em nome do proletariado da construção civil organizado, por saudar os trabalhadores arcenses, dizerta entusiasticamente sobre a acção da organização operária no terreno das conquistas morais, profissionais e materiais que nos hão de paulatina mas seguramente conduzir a uma sociedade de melhores dias, de mais liberdades políticas, económicas e sociais. Refere-se, também, à actividade desenvolvida pela juventude sindicalista neste ingente preço de emancipação humana, a cuja juventude pertence o seu companheiro de viagem ali presente.

Aconselhando os operários jovens dos Arcos de Val-de-Vez a que sigam o exemplo honroso dos seus camaradas do Porto, Ribeiro Dias declara que a juventude sindicalista, ou melhor: a organização juvenil, é uma excelente escola onde, não só se aprende a ser um bom camarada e militante, despreendendo-se de falsos convencionalismos e, portanto, libertando-se moral e espiritualmente — mas até a ser um bom filho, um bom esposo e um bom pai: eis o que é um filiado na juventude sindicalista.

Inácio Martins, igualmente recebido com uma salva de palmas, descreve, com vigor, o que foram os republicanos nos tempos saudosos da propaganda anti-brigantina e o que são hoje em plena desilusão numa República crápula: bem prometeram e melhor faltaram aos seus compromissos contraídos perante a ingenuidade do proletariado escravizado.

Ataca, com virilidade, os políticos de todas as nuances e afirma que só livremente associados, federados e confederados, é que os trabalhadores podem pôr cobro a todas as bandeiras e tiranias do regime capitalista e estatal.

Aludindo, com funda repulsa, às iníquas deportações, dirige-se para um deputado democrático que se encontra no salão, e exclama: — «Esta é a democracia que nós oferecemos...» Aqui não há monárquicos, republicanos ou comunistas: há escravos e senhores, explorados e exploradores. De um lado, estão os produtores de toda a riqueza social, do outro, todos aqueles que vivem na mândria e na orgia, criminosamente malbaratando a seiva produtiva do trabalho alheio.

São, pois, duas classes distintas que se repudiam mutuamente: o capitalismo internacional defendendo a actual sociedade repleta de injustiças e monstruosidades, para o que constitui as suas leis, os seus códigos, os seus exércitos e até... a sua Sociedade das Nações; e os trabalhadores de todo o mundo pelejando por um sistema social segundo o qual todo o ser humano válido tenha que trabalhar, para a comunidade inteira, segundo as suas forças e aptidões, para ter direito também a consumir segundo as suas necessidades. E para a consecução deste regime de reciprocidade produtiva, de solidariedade mútua, onde não será permitido o homem ser lobo do homem, que o operário se une nos seus sindicatos, nas suas federações, na sua confederação geral e na Associação Internacional dos Trabalhadores, visto que é tem de ser nacional e internacionalmente livre.

Demonstradas as vantagens da união, como um só homem, dos trabalhadores, Inácio Martins terminou por fazer votos pelo robustecimento da organização operária dos Arcos de Val-de-Vez.

Nota curiosa: os vários vultos políticos que assistiram à reunião, aplaudiram, por vezes, os oradores.

A sessão encerrou-se pelas 16,30 horas, após um breve discurso do presidente.

Foi, iniludivelmente, uma bela sessão de propaganda revolucionária, para a qual o salão, apesar de regular, foi insuficiente para tanta concorrência: ela estendeu-se pela escadaria e aglomerou-se em frente do edifício.

A noite, efectuou-se uma assembleia da Associação da Construção Civil dos Arcos de Val-de-Vez, resolvendo, a principiar de Janeiro próximo, ingressar na organização geral, para o que possivelmente se efectuará nessa data uma outra sessão, na qual talvez se faça representar a Federação.

Aproveitando o ensejo, os delegados citados promoveram também em Ponte do Lima, na sede do Grémio dos Operários da Construção Civil, uma outra sessão de propaganda sindicalista, à qual presidiu o camarada José da Silva Magalhães, secretariado pelos camaradas João Pereira e Aníbal da Cruz Lopes.

João Soares Virgílio, regostando-se com a regular assistência, saudou, nos delegados da Federação da Construção Civil, os trabalhadores das outras terras. Manifesta o seu desgosto por não poder ainda falar no Sindicato, o que, no entanto, espera não levar isso muito tempo, se a Federação continuar a trazer a Ponte do Lima a evangelização das suas doutrinas libertadoras. Atribui, em parte, a direcção a culpa do Grémio não estar ainda integrado na organização sindicalista. Ataca severamente a jóia de 10900, visto constituir um obstáculo lamentável à entrada de novos sócios para o Grémio.

O presidente informa que a supradita jóia foi estabelecida a título provisório, ficando depois em moda. E' sua opinião, porém, de que essa medida não levará muito tempo a caducar. Termina por aconselhar a que todos se filiem no Grémio, fazendo com que ele ingresse na Federação e C. G. T.

António Inácio Martins, da Federação.

Desfazendo uma atoarda

Da viúva do deportado, ultimamente falecido, José Alves dos Santos, recebemos a seguinte carta:

Sr. director: Venho informá-lo de que o meu falecido marido nunca foi bomista. O *«Seculo»* afirmou que ele feriu duas pessoas à bomba, em 1923, na Avenida António Augusto de Aguiar. Foi casado com José Alves dos Santos durante 11 anos e posso garantir-lhe que ele só foi preso uma vez em 1923, no Terreiro do Paço. Foi preso por suspeita. Só voltou a ser preso agora, que o enviaram para a Guiné. Também foi deportado por suspeita.

Tinha saído do hospital havia dois meses quando o prenderam desta última vez. Foi arrancado da cama às quatro e meia horas da madrugada.

Levaram-no para o governo civil, onde esteve três dias; depois remeteram-no para aquela maldita terra, onde faleceu. Agora pergunto: quem é o responsável da morte do meu pobre marido?

O imposto sobre o capital

PARIS, 26. — Os componentes do Bloco Nacional estão intensificando o ataque às projectadas medidas financeiras do governo. Ontem, em Clermont-Ferrand, o sr. Marsil, numa reunião política, expôs o programa financeiro do Bloco, atacou o imposto sobre o capital, que classificou duma injustiça, seja qual for o carácter com que se apresente, e preconizou a restrição das despesas do Estado e o abandono de certos monopólios.

TEATRO APOLO

TELEFONE NORTE 4120

— HOJE —
O extraordinário drama

O SALTIMBANCO

Os principais papéis

— POR —
BERTA DE BIVAR e ALVES DA CUNHA

OPTIMA INTERPRETAÇÃO

Conjunto harmoniosíssimo

Ensenação

de Araújo Pereira

Um perigo infeccioso em Santarém

Entre Alange e a Ribeira, próximo da Ponte D. Luís e dos depósitos da água para consumo público, têm estado retidas águas, formando um pântano, donde se emanações infecciosas, com grave risco da população ribeirinha, onde se registam já alguns doentes.

Não terá conhecimento disto o sr. delegado de Saúde?

— Devido a uma avaria numa das máquinas a cidade tem estado há três dias sem luz até às 23 horas.

COLISEU

Hoje - A's 21 horas (9 da noite) - Hoje

2.ª apresentação dos célebres artistas

ALEGRIA, ENHART & C.ª

que ontem obtiveram um extraordinário sucesso

A MAIOR NOVIDADE DA ACTUALIDADE

O espectáculo mais variado e mais barato de Lisboa

QUINTA-FEIRA

GRANDIOSA «MATINEE» ELEGANTE

O Café do Coliseu é o que melhor e mais barato serve — Concorra todos os dias das 2 às 6 da tarde e das 8 da noite por preços extraordinários do Ilho Branco Rodrigues.

O Saltimbanco

O eminente actor Alves da Cunha, que Portugal e Brasil conhecem e que actualmente no Apolo, interpretando «O Saltimbanco», é o alvo das atenções de todo o público que o admira, vai brevemente interpretar a peça «Sisifo», de Bernsteim.

DENTES ARTIFICIAIS a 2500. Extracções sem dor a 1500. Consertam-se dentaduras em 4 horas a 2000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

descreve a acção das sociedades desde a Idade-Média, passando a referir-se ao valor e aos objectivos dos sindicatos, federações e C. G. T. e, portanto, às vantagens que os operários tem em estar integrados na organização social sindicalista. Demonstrada a maneira como os trabalhadores das outras terras têm conseguido o horário das oito horas, lamenta que os trabalhadores de Ponte do Lima tenham de sol a sol, quando os de Lisboa, Porto e outras localidades industriais importantes estão já a inscrever nas suas reclamações o regime das seis horas de trabalho.

Referindo-se ao poder da solidariedade, cita os exemplos da greve de São Pedro da Cova e dos mineiros de Aljustrel e Ruhr, salientando também a forma como, no estrangeiro, são tratados os construtores civis federados e os que andam foragidos da Federação.

Inácio Martins, que falou durante 2 horas, sempre no meio de grande entusiasmo, terminou por colocar em relevo a missão libertadora da organização operária pela conquista duma outra sociedade mais justa e igualitária — sendo muito aplaudido.

José Ribeiro Dias, entre outras considerações, faz um interessante confronto do viver das cidades, onde os trabalhadores já se sabem impor, e o das outras terras, onde a organização continua a seguir o roncoirismo de só querer possuir dinheiro em cofre. O resto da sua dissertação é toda consagrada à propaganda associativa moderna, sendo, no final, coroado com uma quente salva de palmas.

A sessão foi encerrada, depois do presidente exaltar as palavras dos delegados da Federação e de apelar para que todos os trabalhadores saibam corresponder às necessidades do momento, já passava das 22 horas.

Os delegados regressaram excelentemente impressionados com a boa jornada de propaganda feita.

DESSPORTOS

FUTEBOL

Em 1.ªs categorias triunfam Sporting — Belenenses

Caracavelinhos — União

Na segunda jornada do campeonato, duas notas muito extraordinárias se tomaram e que dalgum modo emocionaram o público desportista. A primeira, excepcionalmente grave, foi a inutilização de um jogador do «União» que, no decorrer do desafio com o Imperio, fracturou uma perna, tendo que recolher ao hospital de São José, embora o seu estado não ofereça maior gravidade, por enquanto.

São, felizmente raros, estes desastres entre nós, mas necessário se torna que obtemos a que se tornem frequentes, contribuindo de certo modo para a repressão do jogo violento que está degenerando o futebol numa manifestação de *«barbarie»*, perdendo em desporto o que sobrepõe em ferocidade.

Por determinação fatídica, é já o segundo caso que se dá no campo de Pálvaa e ambos tendo por adversário o «Imperio». O primeiro, há dois anos, quando jogava com o «Belenenses», o segundo ontem com o «União».

Não assistimos ao jogo e os nossos informes não nos habilitam a afirmar que o desastre resultasse de violência praticada. Entretanto, a nossa indignação pela forma *«selvática»* com se vai jogando o futebol e que de época para época progride desconsoladoramente, incita-nos a verberar o facto julgando assim contribuir para o refratamento da *«fogosidade»* dos nossos jogadores, em benefício do puro desporto.

A segunda, não tão grave nas consequências, mas digna de se salientar pelo que poderia ter produzido, foi o que se passou nos primeiros minutos do jogo de 1.ªs categorias Caracavelinhos — Benfica. Como o árbitro indicado pela A. F. L. não compareceu, foi escolhido pelos capitães das equipas o sr. Pinto Magalhães que não soube ou não quis cumprir o seu dever, reprimindo o jogo violento e agressivo de alguns dos avançados alcantarenses, ao guarda-redes do Benfica. Daí, o ter este jogador, depois de três cargas violentas e fora das regras, não punidas pela complacência do árbitro, ter ripostado em forma igual ao adversário que o havia atirado violentamente contra os postes das redes. Começa neste momento a revelar-se o que de grave poderia ter sucedido, porquanto Magalhães, complacente até ali, expulsa quando já sem autoridade os dois jogadores. Há bronca entre os filiados assistentes; intervem a guarda republicana com as suas *«caricatas»* de coronhada e não se registou maiores acontecimentos nas diferentes secções de pugilato desportivo, por milagre...

Da inconsequência do seu gesto, reconsiderou Magalhães, mas tarde e mal, mandando ingressar poucos minutos depois, os expulsos. Tarde, porque era de início, à primeira carga desleal, que devia ter intervido, obstando assim, no cumprimento do seu dever, a que se registassem os lamentáveis acontecimentos verificados. Mal porque se desautorizou, patentando o quanto de impulsivo teve o gesto grave de expulsão dum jogador agravado constantemente pelo adversário com a sua complacência.

Que não há razão ou necessidade de uma atitude tão pouco correcta por parte dos avançados do «Caracavelinhos», prova-o o decorrer do jogo, em que este conseguiu vencer, num bom jogo, o adversário, embora handicapado já pelos acontecimentos, por 6-2, sem que se registasse mais alguma carga ao guarda-redes, antes, ficando a respectável distância quando a bola lhe ia às mãos. Não frustrariam, a este respeito os exemplos dados por equipas estrangeiras que nos têm visitado, muito ao contrário estes é que nos seus jogos finais, começavam empregando os processos por cá seguidos, na ância de marcar, de qualquer forma.

O «Sporting», embora não facilmente, por deficiência de forma, venceu o seu adversário, o «Vitória», por 2-0, em primeiras categorias. Salientou-se o guarda-redes deste último, que pela sua acção evitou uma maior derrota do seu clube e verificou-se no «Sporting» a falta de Jaime Gonçalves e a transferência de Kanos para o interior esquerdo.

O «Belenenses» triunfando do «Casa Pia» em 1.ªs categorias por 2-1, vai trilhando o caminho, com bons prognósticos, para o objectivo do campeonato; não sendo primoroso na exibição e encontrando o seu adversário, com mais faculdades que as apresentadas contra o «Benfica», no domínio anterior, venceu sem grandes apreensões, sofrendo a única bola do adversário, a poucos minutos do fim do encontro.

O «União», embora tivesse sofrido o desastre, que inutilizou um seu jogador, como já fizemos referência, bateu facilmente o seu adversário, o «Imperio», por 2-0.

Nas categorias inferiores o «Benfica» venceu o «Caracavelinhos» em 2.ªs por 4-0 em 3.ªs por 4-1, empatando 1-1 em 4.ªs resultante de uma grande penalidade que o árbitro concedeu ao seu adversário, por falta cometida pelo grupo que a beneficiou.

O «Vitória» em compensação do revez em 1.ªs triunfou nitidamente do «Sporting», por 7-2 em 4.ªs por 3-0 em 3.ªs e 3-1 em 2.ªs. O «Belenenses» bateu também o «Casa Pia» em todas as categorias, por 7-0, em 4.ªs 5-0, em 3.ªs e em 2.ªs por 4-3. O «União» triunfou igualmente do «Imperio», nas categorias inferiores.

A.

São Carlos

E' interessante ver como J. de Alameda marca com justeza e de uma maneira por vezes assumptiva a figura que interpreta no «Ladrão», em scena neste teatro.

HOJE Repete-se a emocionante e dramática peça

O LADRÃO

— NO —
TEATRO DE SÃO CARLOS

